

Editorial

Prezados Leitores

Este primeiro número do volume 21 da *Zetetiké*, referente ao ano de 2013, tem para nós um significado muito especial. Com a sua edição, a revista completa duas décadas de existência. Foram vinte anos dedicados à divulgação de trabalhos da Área de Educação Matemática, em especial de autores brasileiros, o que nos possibilitou momentos ricos de trocas, mas exigiu determinação e envolvimento de muitas pessoas. Por isso, agradecemos a todos aqueles que contribuíram de formas variadas para que nossa revista chegasse até este momento. Em especial, agradecemos à direção da FE; aos funcionários do setor de publicação da FE, em particular ao Mike; aos Editores; à Comissão Editorial; aos Autores; à Comissão de Pareceristas; aos Revisores, em especial à Leda, que nos acompanha durante anos; aos diagramadores; ao Francisco, pelo auxílio em vários momentos, particularmente no processo de implantação da nova plataforma; aos leitores; e às instituições que, por meio de aquisição ou permuta, contribuíram para a divulgação e a manutenção de nosso periódico, e a outros que deram sua contribuição.

Para comemorar os vinte anos da *Zetetiké*, iniciamos este volume com um texto produzido pelas atuais editoras, Dione Lucchesi de Carvalho e Maria Ângela Miorim, intitulado Vinte anos de *Zetetiké*, que teve o objetivo de recordar alguns momentos do caminhar da *Zetetiké*. Entre lembranças e documentos, as autoras escrevem sobre algumas passagens que julgam significativas. A intenção não foi produzir um relato histórico de todo o período, mas apenas registrar algumas recordações, alguns momentos, algumas mudanças.

Além do texto comemorativo, neste primeiro número do volume 21 da *Zetetiké*, referente ao ano de 2013, apresentamos aos nossos leitores sete artigos.

No primeiro artigo, intitulado “A riqueza nos currículos de Matemática do Ensino Médio: em busca de critérios para seleção e organização de

conteúdos”, os autores Marcio Antonio da Silva, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e Célia Maria Carolino Pires, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresentam alguns resultados de uma investigação que teve como principal objetivo contribuir para a discussão curricular no Ensino Médio, por intermédio do estabelecimento de critérios que possam nortear a determinação, a inclusão e a exclusão de temas matemáticos nesse nível de ensino. Dentre os oito critérios discutidos na investigação, os autores analisam neste artigo o critério denominado a “riqueza” dos currículos de Matemática.

“Etnomatemática no Contexto de Empreendimentos em Economia Solidária: o caso de uma marcenaria coletiva feminina”, segundo artigo deste número, de autoria de Renata Cristina Geromel Meneghetti, docente do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP/São Carlos, e Sérgio Luiz Daltoso Junior – discente do curso de Licenciatura em Ciências Exatas, coordenado pelo Instituto de Física da USP/São Carlos, SP, apresenta um estudo de caso que focaliza a Educação Matemática no contexto da Educação em Economia Solidária e tem como propósito discutir alguns aspectos da Etnomatemática de uma marcenaria coletiva feminina de um assentamento rural. Concebendo a Matemática como uma atividade intrínseca ao desenvolvimento de tarefas do cotidiano e fazendo uso de observação participante, entrevistas não estruturadas e análise documental, os autores – atentos aos conceitos matemáticos usados pelo grupo e à forma como eles são utilizados – analisam situações matemáticas nas quais o grupo se relacionava durante o processo de produção na marcenaria.

Fernando Emilio Leite de Almeida, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), e Anna Paula de Avelar Brito, professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), são os autores do terceiro artigo, intitulado “Negociações do Contrato Didático na Passagem da Linguagem Natural para a Linguagem Algébrica e na Resolução da Equação no 8º Ano do Ensino Fundamental”, em que são apresentados alguns resultados de um estudo de caso, envolvendo dois professores da rede pública de ensino de escolas diferentes e seus respectivos alunos, com o objetivo de analisar como se estabelece o contrato didático na relação entre professor e alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, no momento da passagem da linguagem natural para a linguagem algébrica e na resolução da equação.

No quarto artigo, “A participação da história no ensino de matemática: pontos de vista historiográfico e pedagógico”, Línlya Natássia Sachs Camerlengo de Barbosa, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* Araraquara (IFSP), e Marcos Rodrigues da Silva, professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a partir da constatação de que autores das áreas de Educação Matemática e de Ensino de Ciências têm manifestado a posição de que a história da matemática e das ciências em geral devem ser incorporadas ao ensino dos conteúdos específicos dessas áreas, analisam os argumentos por eles apresentados, com o objetivo de refletir sobre a participação da história no ensino sob dois pontos de vista distintos: historiográfico e pedagógico.

No artigo intitulado “Desenhos e gráficos na produção de significados pelos alunos participantes de um curso de Geometria Analítica”, o quinto deste número da revista, Jany Santos Souza Goulart, professora Assistente B do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e André Luís Mattedi Dias, professor da Universidade Federal da Bahia, analisam a forma como alunos e professor, que, respectivamente, cursam e ministra aulas de geometria analítica, em uma turma do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, concebem aspectos relativos à aquisição, à construção e à interpretação dos sentidos ou significados, produzidos ou expostos em sala. A investigação, de natureza etnográfica, partindo da proposta e da argumentação de que tal ambiente se constitui em um universo cognitivo multicultural ou ainda em uma microssociedade, rica em produção de significados, utiliza-se de observações em que o pesquisador se coloca em uma posição de estranhamento e de busca pela imparcialidade. Nesse contexto, admite-se que as representações gráficas transportam consigo fatores psicológicos, sociológicos, esquemas perceptivos, cognitivos e afetivos específicos ou ainda que os fatores sociais e culturais estão diretamente relacionados às múltiplas interpretações acerca de um ente geométrico, matemático e simbólico.

O sexto artigo, “Um pouco da teoria das situações didáticas (TSD) de Guy Brousseau”, foi escrito por Paulo Jorge Magalhães Teixeira, professor associado do IME, da Universidade Federal Fluminense e do Colégio Pedro II, e por Claudio Cesar Manso Passos, professor da FERLAGOS. Apresentam um estudo sobre a Teoria das Situações Didáticas de Guy

Brousseau (1986) e caracterizações acerca da utilização dessa teoria, quando sequências didáticas são preparadas para permitir a autonomia do educando na construção de seus saberes. Os autores, levando em consideração argumentos apresentados por Brousseau, consideram que a Teoria das Situações Didáticas apresenta novos desafios para a busca de mecanismos que propiciem a melhora nos processos de ensino-aprendizagem em matemática, envolvendo, em sala de aula e fora dela, o professor, o aluno e o saber (conhecimento do conteúdo matemático).

No sétimo artigo, “Transpondo obstáculos: da Aritmética para a Álgebra”, as autoras – Neide F. P. Sant’Anna, Diretora de pesquisa e Pós-Graduação do Colégio Pedro II, Gilda de La Rocque Palis, Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, e Maria Aparecida C. Mamede Neves, Professora Emérita da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio – apresentam os resultados de uma investigação proposta a partir da constatação das dificuldades encontradas por alunos na aprendizagem de conceitos e procedimentos algébricos. Para isso, elaboraram uma estratégia de ensino pautada na proposta de Hung Hsi Wu, do Departamento de Matemática da Universidade da Califórnia, Berkeley, que inclui a ideia básica de trabalhar o conceito de fração como número, por meio da medição de comprimento de segmentos de reta. As experiências pedagógicas realizadas em escolas são descritas e analisadas no texto.

Ao finalizar este editorial, expressamos os nossos agradecimentos a Paulo Celso Lopes de Carvalho, pela gentileza em nos ceder, para a capa de nossa revista, a foto de sua autoria, intitulada *Fragmento de tecido moche*, tirada em julho de 2011 no Museo Rafael Lorca Herrera em Lima. O autor nos explica que os moches antecederam os incas no Peru e predominaram entre os anos 100 e 800; e que restos de seu tecido são muito valorizados na arqueologia, porque se estragam com facilidade e, por isso, são relativamente raros.

As Editoras